

## Considerações Finais

A investigação da obra e da trajetória do arquiteto Giancarlo Palanti e a posterior construção de um panorama da mesma, possibilitaram a identificação de diversos aspectos de sua produção, entendidos como contribuições ou especificidades dentro de uma obra multifacetada que participou de diversos campos de trabalho em que se entrelaçaram o design, a arquitetura e o urbanismo.

Um dos principais aspectos desta obra teria sido sua contribuição nos domínios do desenho de um mobiliário moderno no Brasil, realizado juntamente com Lina Bo Bardi, através do Studio de Arte Palma, em que se destacavam as perspectivas de uma produção em série e os temas das peculiaridades brasileiras. As contribuições de Palanti no campo do desenho do mobiliário e de objetos estendeu-se também a seus trabalhos realizados na Itália, especialmente no que diz respeito à investigação das possibilidades de desenho e fabricação de móveis em metal e cristal, e no Brasil após a experiência do Studio Palma, nos quais o arquiteto aproveitou-se principalmente das qualidades das madeiras do país. Os interesses de Palanti nesta área passavam pela proposição de uma produção em série, pela investigação de novos materiais e de uma nova estética em que se destacavam a leveza, a clareza estrutural e o refinamento dos detalhes construtivos e, enfim, pela divulgação do mobiliário moderno realizada não somente pelas obras mas também através do livro *Mobili Tipici Moderni* (de sua autoria), de revistas como a *Domus*, a *Casabella*, a *Habitat*, através das Trienais e de exposições no Brasil.

Neste âmbito havia também um entendimento singular da decoração como possibilidade de construção do espaço interior, segundo os princípios da flexibilidade, da fluidez espacial, da experimentação plástica dentro do mesmo sistema estético de produção dos móveis, dos edifícios, da cidade. Palanti teria contribuído ainda na experimentação e divulgação da construção de novas formas de expor objetos industriais entendidos como obras de arte, desde as primeiras pesquisas italianas até as experiências no Brasil com as lojas para a Olivetti, os estandes para a Probel etc. Neste contexto, destacou-se também uma determinada visão da relação entre artes e arquitetura, onde parecia haver um interesse do arquiteto pela divulgação de obras de arte tentando aproximá-las, na medida do possível, dos transeuntes e da cidade, como ocorrera no seu projeto para a loja da KLM.

Palanti revelou-se em várias obras como um arquiteto de grande domínio ao trabalhar o ferro e o vidro, materiais dos quais ele procurou entender as diversas possibilidades produzindo

desde mobiliário até um desenho refinado de marquises, esquadrias, maçanetas etc. Vale ressaltar também o cuidado e a maneira de trabalhar os materiais brasileiros, como as madeiras, os mármore, as plantas.

As investigações plásticas de sua arquitetura tratavam dos jogos entre opacidade e transparência, entre a massa dos volumes externos e a desmaterialização dos interiores, entre simetria e equilíbrio assimétrico, da continuidade entre espaços fechados e abertos. Versavam sobre a poética da luz e das linhas e planos no espaço interior, do encontro dos volumes e das superfícies, da composição a partir de regras gerais, por vezes matemáticas, da pesquisa das coberturas em tetos planos ou de águas inclinadas invertidas. Interessa destacar neste sentido o desenvolvimento de um detalhamento intensivo dos projetos, em que se pretendia desenhar todos os seus pormenores, garantindo um sistema baseado numa mesma idéia estética.

No percurso de sua arquitetura, especialmente dos edifícios, ainda que mesclada aos diversos outros profissionais com que se associou, podemos sugerir momentos de permanência em seus trabalhos e também de novas pesquisas. Assim o discurso de Palanti, marcado por sua formação italiana, pelas influências da arquitetura alemã e holandesa dos anos 30, pela obra de Terragni e Pagano e pelo juízo crítico deste último e de Edoardo Persico trata de uma composição arquitetônica de volumes, do efeito de massa, da escavação dos volumes e da grelha marcada nas fachadas, do embasamento e de uma composição tripartida, dos efeitos de luz no exterior e interior. Estas características mais próximas à solidez, à estática aparecem quase em todos seus projetos italianos e também naqueles brasileiros como o prédio da Florêncio de Abreu, a Liga das Senhoras Católicas, o Chipre e Gibraltar e também no Conde de Prates e no Banco de Londres, nos quais o vidro encerra volumes. No Brasil aparecem novas pesquisas sobre materiais, sobre os efeitos de volume e formas mais dinâmicas, desenhos de coberturas, como indicam as investigações realizadas no edifício da Barão de Tatuí, e principalmente nos efeitos de volume das residências projetadas entre 1955 e 1956. Nestas casas podemos identificar uma aproximação da arquitetura de Neutra e Schindler. Também são novas as pesquisas com edifícios sobre pilotis como o prédio do Paço Municipal e o Edifício da Ilha Porchat, onde é evidente a influência da arquitetura brasileira então bastante aclamada.

No período da associação com Mindlin retornam os valores estáticos, a massa, a grelha e a escavação dos volumes, as cortinas de vidro, porém com pesquisas sobre edifícios compactos e algumas vezes sobre a coordenação de vários destes blocos individuais, como aparece no Banco Francês e Italiano, no Nobel IV, na chancelaria da Embaixada da Holanda, nos escritórios das Fábricas projetadas naqueles anos, na Pestalozzi. Os últimos projetos do arquiteto tratam por fim da textura obtida com reentrâncias e materiais e de uma tímida pesquisa sobre as possibilidades do concreto aparente, como no projeto para o MAM ou das fachadas movimentadas dos hotéis.

Tratando do campo do urbanismo, identificamos em sua obra uma rede de referências que produzia uma determinada idéia de cidade atenta a um desenho específico. Uma idéia de projeto da cidade que sofreria algumas mudanças ao longo da carreira do arquiteto que construiu desde bairros de habitação popular na Itália, até um dos planos para a capital do Brasil, num rico conjunto de propostas e questões.

Uma idéia ou intenção determinada de cidade, ou de suas formas, também aparecia na configuração dos edifícios projetados por Palanti. Ela revelava-se no interesse por construir espaços em que se vislumbrava grandes panoramas urbanos, na maneira de trabalhar os prédios em pontos focais, que apareciam muitas vezes, revestidos com peles de vidro (com os quais podemos sugerir que Palanti contribuiu no desenvolvimento técnico deste tipo de fachadas no Brasil), na maneira de agenciar a implantação, na construção de eixos perspécticos, em proposições de modificações nos traçados e nas formas da cidade realizadas por um determinado edifício. Interessava para o arquiteto mais que uma relação de contextualização ao entorno pré-existente, um diálogo com a rua, com a calçada, permitindo e convidando os pedestres a percorrer galerias dentro dos edifícios, marcando seus acessos com delicadas estruturas como convites para se entrar, construindo variações entre o alinhamento e o recuo de prédios no lote,

descortinando espaços abertos ou jardins. Nesse sentido, Palanti usava de diversos artifícios para marcar as esquinas através de um diálogo com a cidade. Suas esquinas, não eram marcadas por chanfros, mas sim por recuos, por vazios e afastamentos que ofereciam um respiro e permitiam a visão e a fluidez entre os cruzamentos.

É possível hipotizar que as premissas utilizadas pelo arquiteto no relatório do projeto do Paço Municipal de São Paulo podem resumir sua maneira de pensar a construção de um edifício, isto é, a *urbanização* que envolve uma modificação nas formas de todo o entorno da cidade e também determinados artifícios da própria arquitetura; a *composição arquitetônica*, talvez fruto de sua formação italiana, os *conceitos distributivos dos vários elementos* que aparecem na procura pela resolução eficiente dos programas e das funções dos edifícios e enfim, os *detalhes arquitetônicos* que permitiam construir com clareza todas as suas intenções.

Outro aspecto interessante da obra de Giancarlo Palanti era seu método de resolução dos projetos e principalmente dos programas e das circulações (pontos com os quais havia grandes preocupações, tanto nos edifícios como nos projetos urbanísticos), para os quais o arquiteto desenhava várias soluções que talvez buscassem um resultado *standard* ou aquele que melhor respondesse à conjunção das necessidades dos clientes dentro de um esquema pré-determinado pelo arquiteto. Assim, no interior de uma mesma lógica vinculada às intenções iniciais de Palanti, era possível oferecer ao cliente diferentes soluções.

Esta atenção com o funcionamento eficiente do programa e das circulações contribuiria, somada à parceria de Henrique E. Mindlin e equipe, com o desenvolvimento de possíveis plantas ideais para edifícios de escritórios ou bancos. Neste sentido, citamos a pesquisa das prumadas verticais que concentravam as instalações e serviços em uma extremidade da planta, possibilitando a liberação do espaço restante para usos flexíveis, pesquisa bastante desenvolvida por Mindlin, e recurso já utilizado por Palanti desde o projeto para o edifício de escritórios da Rua Florêncio de Abreu.

A investigação da trajetória de Giancarlo Palanti permitiu-nos vislumbrar a prática profissional do arquiteto e a sua viabilidade na Itália, e principalmente no Brasil dos anos 50 e 60, período considerado áureo de consagração de nossa arquitetura, e as dificuldades colocadas para um arquiteto estrangeiro. Para Palanti interessava investir em outras formas de produção da arquitetura. Ainda que não tenha sido tão ativo nas lutas do IAB como seu sócio Henrique E. Mindlin, sua trajetória revelou a vontade de atuar também como um *profissionalista*, com um escritório organizado aos moldes de uma empresa, visando contribuir na melhoria da produtividade e da qualidade dos trabalhos oferecidos, elaborando com seus colaboradores formas contratuais para viabilizar a atividade do arquiteto. Destacamos, sob este aspecto, uma trajetória marcada pelo trabalho em equipe, pelo interesse em reunir as contribuições de vários arquitetos, seja no escritório ou em grupos de discussões que, junto aos interesses de Mindlin e dos seus associados, contribuiria em uma nova maneira de produzir a arquitetura no Brasil, em detrimento da supervalorização de uma única figura.

A investigação sobre Palanti esclareceu-nos ainda alguns aspectos da trajetória de um arquiteto imigrante, as dificuldades de trabalho, os interesses e as trocas entre um grupo de italianos já fixados no Brasil ou recém-chegados, fossem entre arquitetos, engenheiros, desenhistas ou clientes. Esta pesquisa conseguiu construir ainda algumas hipóteses sobre as escolhas de Palanti como, por exemplo, os motivos do emprego na Construtora Alfredo Mathias, onde desenhou vários edifícios ligados às expectativas do mercado imobiliário, vinculada à falta de alternativas de trabalho a um arquiteto que não podia assinar os próprios projetos. O estudo esboçou, ainda que levemente, alguns nomes pelos quais passava a especulação imobiliária em São Paulo.

Além disso, ela levantou determinados personagens, especialmente de imigrantes italianos, que participaram com Palanti de vários trabalhos e que mereceriam um capítulo à parte, como Bramante Buffoni e Maurizio Mazzochi.

Reiterou ainda o grupo e a sociabilidade cultural em torno dos bares de São Paulo nos anos 50, reunindo intelectuais em eventos de trocas de conhecimentos e, novamente, resgatando nomes de algumas destas figuras. O interesse pelas discussões em grupo, pela sociabilidade da

cultura, apareceu em Palanti desde os jantares e conversas com o grupo de Persico e Pagano na Itália até o Clube dos Artistas, no Brasil. O estudo da obra de Palanti, um arquiteto de equipe e discussões em grupo, levantou não só seu discurso, mas aqueles de seus companheiros, como uma produção que se estenderia para além de uma só figura, fazendo parte de um quadro cultural maior e apresentando uma constelação que orbitava em torno desta obra.

A pesquisa procurou ainda, situar Giancarlo Palanti dentro dos temas da arquitetura italiana do entre-guerras, identificando sua participação nos acontecimentos e levantando hipóteses sobre seus posicionamentos. Além disso, identificou uma obra interessante e bela, desconhecida de grande parte do público brasileiro, e um pouco do trânsito das idéias entre Itália e Brasil.

Tentamos assim estabelecer algumas considerações sobre a obra e a trajetória do arquiteto Giancarlo Palanti com a sensação de que este possa ser apenas um panorama inicial, capaz de revelar já os talentos de um arquiteto que teve um esforço sincero de construção de um mundo segundo uma mesma e determinada ordem estética, que nos caminhos da história e dos desenvolvimentos próprios da arquitetura, encontrou êxitos e tropeços e um desfecho trágico, mas que em toda sua trajetória parece querer fazer valer, a seu modo, uma das idéias vinda dos anos 30 e construir uma nova arquitetura para a vida - do móvel até a cidade.